IPEA/INPES

Informe Conjuntural 15/87 04/09/87

ASSUNTO: Previsão da Produção Industrial e PIB

Sérgio S. Portugal

Pedro Valls Pereira

- Produção Industrial

A produção industrial cresceu, em junho, 2,0% em relação ao mesmo mês do ano anterior. Observou-se um crescimento de 2,2% na Indústria de Transformação e uma queda de 2,8% na indústria Extrativa Mineral.

Os principais resultados da produção industrial no mês de junho são apresentados na Tabela 1.

Em junho, segundo as categorias de uso, observa-se desaceleração em todos os segmentos da produção, sendo que os subsetores de bens de consumo durável e bens de capital, registraram taxas negativas de 7,3 e 6,4%, respectivamente, quando comparadas ao mesmo mês do ano anterior.

---

* Agradecemos os comentários dos membros do Grupo de Acompanhamento Conjuntural (GAC) do INPES/IPEA. As incorreções remanescentes, no entanto, são de inteira responsabilidade dos autores.

TABELA 1: Indicadores da Produção Industrial - junho - 1987

Classes de Indústria e Categorias de Uso	Base Fixa Mensal*	Taxas de Crescimento (%)		
		Jun.87 / Jun.86	Jan.-Jun.87 / Jan.-Jun.86	Jul.86-Jun.87 / Jun.86-Jul.85
Indústrial Geral	125,61	2,03	7,96	9,14
- Extrativa Mineral	178,86	-2,83	-2,68	-1,45
- Ind. de Transf.	124,00	2,25	8,50	9,66
. Bens de Capital	109,03	-6,38	5,92	12,17
. Bens Intermediários	132,58	2,89	7,65	8,23
. Bens de Consumo	122,22	0,3	6,20	7,23
. Durável	135,86	-7,27	-2,45	1,40
. Não Durável	116,95	1,98	8,53	8,71

FONTE: IBGE

*Média de 1981 = 100; ponderação: Censo Industrial de 1980.

Embora em processo de desaceleração, a produção de bens intermediários é ainda a responsável pela sustentação dos níveis atuais do crescimento do produto industrial.

Os gêneros responsáveis pela redução da produção de bens de capital e consumo durável são o material de transporte e o material elétrico com quedas em junho de 11,8 e 3,4%, respectivamente, quando comparados ao mesmo mês do ano anterior. Juntos, esses gêneros respondem por aproximadamente 54 e 82% da produção daquelas categorias.

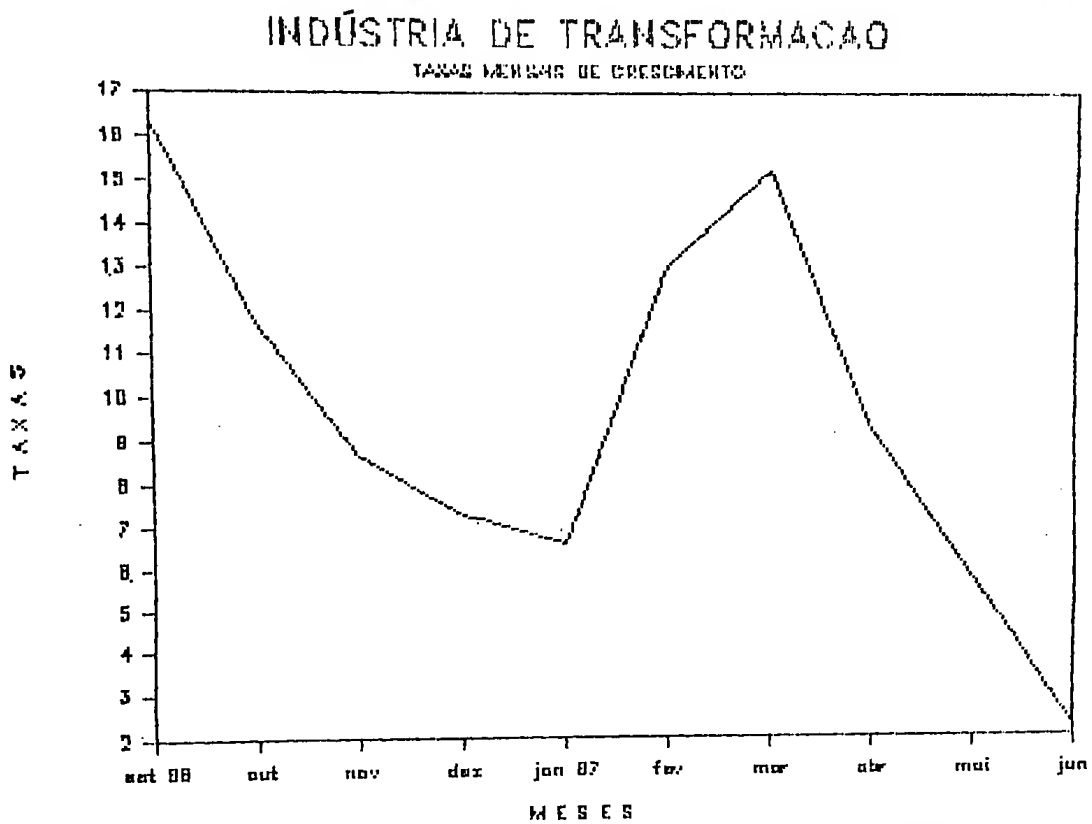
As taxas mensais de crescimento da indústria (Tabela 2) mostram que o processo de desaceleração ocorre de forma generalizada a partir de setembro de 1986. Percebe-se, entretanto, que a desaceleração foi aparentemente interrompida no trimestre fevereiro/abril, voltando, logo em seguida, a tendência observada nos cinco meses anteriores (Gráfico I). Ao que tudo indica, a "bolha" de crescimento observada resulta do impacto positivo sobre o produto do processo de realinhamento de preços, que recompôs margens de lucro reduzidas no período do congelamento, e da elevação da demanda por estoques. Em alguns setores (farmaceutico, perfumaria, sabões e velas, alimentares) onde o controle intenso dificultou o aparecimento do ágio, a recomposição das margens possibilitou a elevação da oferta. Esgotados esse fenômeno, a produção retoma a trajetória anterior.

TABELA 2: Taxas Mensais de Crescimento da Indústria
(Base: mesmo mês do ano anterior)

Classes de Ind. e Categ. de Uso	ANO DE 1986				ANO DE 1987					
	Set.	Out.	Nov.	Dez.	Jan.	Fev.	Mar.	Abr.	Mai.	Jun.
Ind. Geral	15,8	10,6	8,1	6,8	6,3	12,2	14,2	8,6	5,3	2,0
Ind. de Transf.	16,4	11,1	8,6	7,3	6,6	13,0	15,2	9,2	5,7	2,2
Bens de Cap.	24,0	19,8	17,2	9,7	8,9	12,9	13,7	3,2	6,1	-6,4
Bens Interm.	13,5	9,5	7,5	6,4	6,1	10,4	12,5	8,7	5,5	2,9
Bens de Cons.	15,1	7,1	4,3	4,1	3,8	12,5	13,8	7,3	1,1	0,0
Durável	17,7	5,3	-4,5	0,8	1,4	6,8	-2,4	-1,2	-10,6	-7,3
Não Durável	14,4	7,6	6,5	4,8	4,4	14,0	18,5	9,7	4,5	2,0

FONTE: FIBGE

GRÁFICO I


INDÚSTRIA DE TRANSFORMACAO
TAXAS MENSAIS DE CRESCIMENTO
TAXAS
17
16
15
14
13
12
11
10
9
8
7
6
5
4
3
2
set 86
out
nov
dez
jan 87
fev
mar
abr
mai
jun
MESES

Segundo o exercício de previsão, essa tendência não deve ser alterada pelo menos até o final do primeiro trimestre de 1988.

Para 1987, utilizando-se a técnica bayesiana, o crescimento industrial previsto é de 2,7%, o que denotaria forte desaceleração quando comparado com os 10,9% observados em 1986.

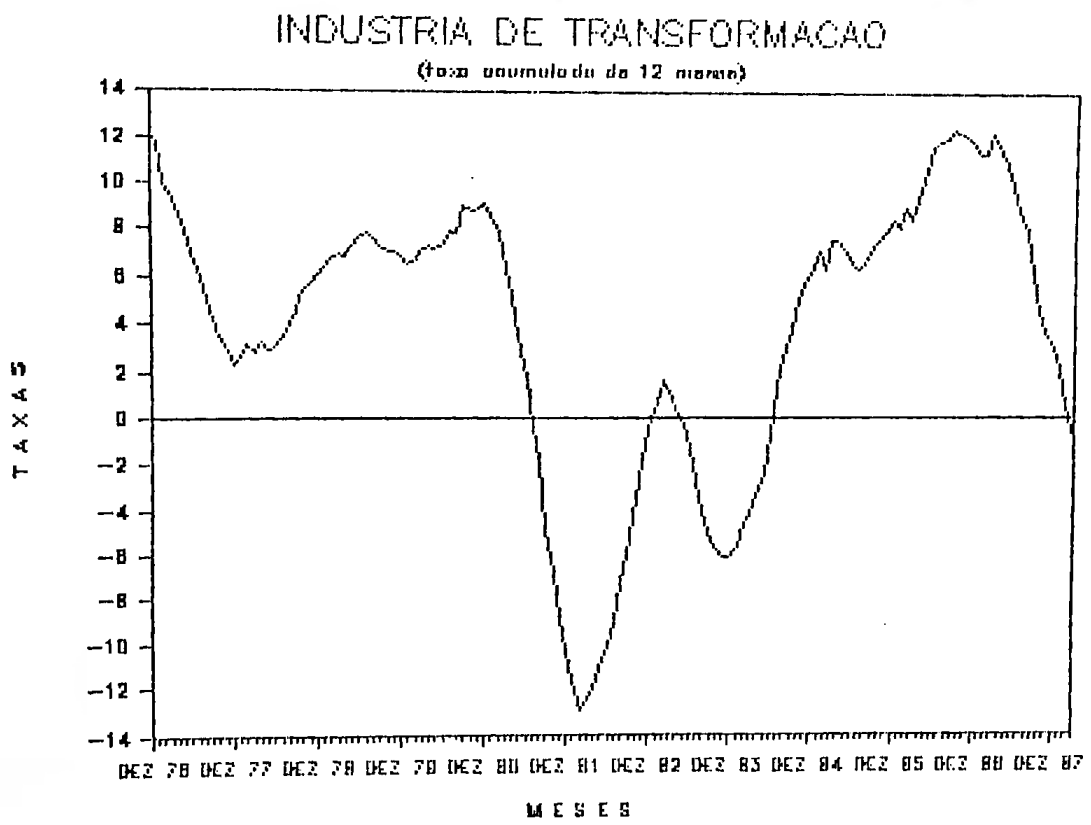
Ainda segundo tais estimativas, o processo de desaceleração continua no primeiro trimestre de 1988, quando a taxa de 12 meses da indústria atingiria -1,5%.

A Tabela 3 apresenta as previsões da produção industrial, para 1987 e para o primeiro trimestre de 1988 e, o Gráfico 2, a trajetória da indústria de transformação.

TABELA 3: Projeções da Produção Industrial para 1987 e o Primeiro Trimestre de 1988 (Taxa de Crescimento Acumulada nos Últimos 12 meses com Base nos 12 meses Imediatamente Anteriores)

Setor e Categoria de Uso	Observado		Previsões Modelo Bayesiano	
	No ano de 1986	No 1º Sem. de 1987	No ano de 1987	No 1º Trim. de 1988
INDÚSTRIA GERAL	10,9	9,1	2,7	-1,5
Ind. de Transf.	11,3	9,7	2,3	-1,1
Bens de Capital	21,6	12,2	2,5	-2,0
Bens Intermed.	8,4	8,2	2,6	-1,6
Bens de Consumo	11,0	7,2	1,8	-0,03

GRÁFICO 2


INDUSTRIA DE TRANSFORMACAO
(taxa acumulada de 12 meses)
TAXAS
14
12
10
8
6
4
2
0
-2
-4
-6
-8
-10
-12
-14
DEZ 76 DEZ 77 DEZ 78 DEZ 79 DEZ 80 DEZ 81 DEZ 82 DEZ 83 DEZ 84 DEZ 85 DEZ 86 DEZ 87
MESES

Em termos setoriais, a desaceleração prevista para 1987 guarda algumas semelhanças com as recessões observadas em 1981 e 1983, na hipótese de que os anos de 1980 e 1986 foram de pleno emprego.

A Tabela 4 apresenta as taxas anuais de crescimento da indústria em períodos selecionados. Como se observa, em 1981 os segmentos mais atingidos pelo processo recessivo foram as produções de bens de consumo durável e bens de capital, com perdas absolutas de 43,6 e 28,0 pontos percentuais de crescimento, respectivamente, quando comparadas ao ano de 1980. Esse evento, de forma menos intensa, ocorreu também em 1983 e poderá voltar a ocorrer em 1987, quando comparado a 1986, caso as previsões de

TABELA 4: Taxas Anuais de Crescimento da Indústria em Períodos Selecionados

Gêneros e Categorias de Uso	1980	1981	1983	1986	1987*
INDÚSTRIA GERAL	9,2	-10,2	-5,4	10,9	2,7
Transformação	9,1	-10,4	-6,1	11,2	2,3
Bens de Capital	8,6	-19,4	-19,3	21,5	2,5
Bens Intermediários	9,1	-11,1	-3,0	8,4	2,6
Bens de Consumo	7,5	-3,9	-4,0	10,9	1,8
Duráveis	18,7	-24,9	-0,8	20,3	0,3
Não Duráveis	5,3	1,1	-4,6	8,8	1,5

* Taxas prevista segundo modelos de Série Temporal. A decomposição duráveis e não-duráveis foi obtida segundo as participações relativas dos setores.

crescimento venham a se confirmar Um argumento factível de explicação desse evento pode estar ligado ao comportamento das empresas e dos indivíduos. As empresas f r e n t e ao elevado grau de incerteza e expectativas desfavoráveis em relação ao futuro, postergam e cortam investimentos reduzindo, assim, a demanda de bens de capital. Essa parece ser uma característica típica do movimento cíclico da economia. De outro lado, os indivíduos, quer pela queda do salário real, do emprego, ou mesmo da estabilidade, reduzem a demanda de bens de consumo, em particular, os duráveis.

Produto Interno Bruto

A despeito da desaceleração da produção industrial, estima-se que o crescimento do PIB em 1987 ainda será de cerca de 4,8%, graças ao excelente desempenho previsto do setor agrícola.

Em termos nominais, admitindo-se uma taxa média de 200% para o deflator do produto, o PIB alcançará Cz$ 11.279 bilhões de cruzados.

A Tabela 5 apresenta o cenário do crescimento do PIB para 1987 e, para referência do leitor, as taxas observadas do produto real em 1985 e 1986.

TABELA 5: Taxas de Crescimento do Produto Real

	TAXAS DE CRESCIMENTO DO PRODUTO REAL		
	1985 (Observado)	1986 (Observado)	1987 (Estimado)
PIB	8,40	8,19	4,8
AGROPECUÁRIA	8,78	-7,30	12,5
- Agricultura	13,63	-10,00	18,0
- Produção Animal	1,30	-3,10	4,00
INDÚSTRIA	8,95	12,14	3,0
- Construção Civil	11,28	17,70	3,50
- Transformação	8,30	11,28	2,3
- Extrativa Mineral	11,50	3,65	-2,00
- Serv. de Util.Pub.	10,20	8,30	6,50
COMÉRCIO	8,88	9,99	3,5
TRANSPORTE E COMUN.	16,8	20,9	7,50
INSTITUIÇÕES FIN.	9,98	7,20	5,70
GOVERNO	2,40	2,40	2,40

A principal alteração em relação ao Informe anterior refere-se à produção agrícola, que fica ligeiramente reduzida (de 20,5 para 18,5%) devido à quebra de safra de alguns produtos. Para os demais segmentos, todas as hipóteses de crescimento do Informe anterior são mantidas.